

UMA ABORDAGEM PERCEPTUAL DOS RÓTICOS NA FALA DE DESCENDENTES ITALIANOS

UNA APROXIMACIÓN PERCEPTIVA A LA RÓTICA EN EL HABLA DE LOS DESCENDIENTES
DE ITALIANOS

A PERCEPTUAL APPROACH OF THE RHOTICS IN THE SPEECH OF ITALIAN DESCENDANTS

Maria Luíza Horneaux de Almeida Chaves*

Izabel Christine Seara**

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este estudo apresenta uma análise perceptual dos sons de r-forte em *onset* silábico inicial e medial, produzidos por descendentes de italianos da cidade de Rio do Sul-SC, na região do Alto Vale do Itajaí. Sob o olhar da Sociofonética, resultados de pesquisa anterior (Chaves, 2021) evidenciaram uma grande variedade e gradência de algumas das produções desses sons. Foram encontradas produções de tepe ([r]) em contexto de r-forte, além das variantes: vibrante, vibrante e tepes espirantizados, aproximante e fricativa. Em face desses resultados, foram realizados dois experimentos de percepção, com o objetivo de verificar como os ouvintes de dentro e de fora da comunidade pesquisada percebiam os estímulos, principalmente aqueles referentes ao r-forte. Resultados mostraram que a variante fricativa produzida na região estudada não foi percebida como uma fricativa típica do PB. Recorrendo a resultados obtidos por uma análise temporal dos dados (Chaves, 2021), este estudo apontou que, apesar de a média de duração da vibrante com duas batidas (62,17ms) ser mais longa do que a média de duração do tepe (26,61ms) em contexto de r-forte, isso não foi suficiente para que os ouvintes externos à comunidade pesquisada percebessem essa vibrante como r-forte. No entanto, para os ouvintes descendentes de italianos da cidade pesquisada, essa vibrante com duas batidas foi percebida como r-forte, evidenciando uma percepção heterogênea entre esses grupos, muito provavelmente em função de seu repertório de referências linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociofonética. Róticos. Variantes. Testes de percepção.

RESUMEN: Este estudio presenta un análisis perceptivo de sonidos r fuertes de inicio silábico inicial y medio, producidos por descendientes de italianos de la ciudad de Rio do Sul-SC, en la región del Alto Vale do Itajaí. Desde la perspectiva de la Sociofonética, resultados de investigaciones anteriores (Chaves, 2021) mostraron una gran variedad y gradación de algunas de las producciones de estos sonidos. Se encontraron producciones de tepe ([r]) en el contexto de r fuerte, además de las variantes: tepes vibrante, vibrante y espirantizado, aproximante y fricativa. Ante estos resultados, se llevaron a cabo dos experimentos de percepción, con el objetivo

* Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2021) com apoio da Capes. Bolsista Fapesc, Edital 57/2024 – processo nº 1659/2024. E-mail: maluhorneaux@gmail.com.

** Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, Doutora em Linguística (2000) pela UFSC. Tem Pós-Doutorado pela Université Paris 3 - Paris-França (2012) e pela Universidade de Aveiro-Portugal (2019). É pesquisadora do CNPq - Processo n. 311804/2021-7. E-mail: izabel.seara@ufsc.br

de verificar cómo los oyentes de dentro y fuera de la comunidad investigada percibían los estímulos, especialmente aquellos referidos a r fuerte. Los resultados mostraron que la variante fricativa producida en la región estudiada no se percibía como una fricativa típica de BP. Utilizando los resultados obtenidos de un análisis temporal de los datos (Chaves, 2021), este estudio señaló que, aunque la duración promedio del sonido vibratorio con dos tiempos (62,17 ms) fue mayor que la duración promedio del tepe (26,61 ms) en un contexto de r fuerte, esto no fue suficiente para que los oyentes fuera de la comunidad investigada percibieran esta vibración como r fuerte. Sin embargo, para los oyentes de ascendencia italiana en la ciudad investigada, este sonido vibrante de dos tiempos se percibió como R-fuerte, lo que evidencia una percepción heterogénea entre estos grupos, probablemente debido a su repertorio de referencias lingüísticas.

PALABRAS CLAVE: Sociofonética. Rótica. Variantes. Pruebas de percepción.

ABSTRACT: This study presents a perceptual analysis of strong r sounds in initial and medial syllabic onset, produced by Italian descendants from the city of Rio do Sul-SC, in the Alto Vale do Itajaí region. From the perspective of Sociophonetics, previous research results (Chaves, 2021) showed a great variety and gradation of some of the productions of these sounds. Productions of tepe ([r]) were found in the context of strong r, in addition to the variants: vibrant, vibrant and spirantized tepes, approximant and fricative. In view of these results, two perception experiments were carried out, with the aim of verifying how listeners from inside and outside the researched community perceived the stimuli, especially those referring to strong r. Results showed that the fricative variant produced in the studied region was not perceived as a typical BP fricative. Using results obtained from a temporal analysis of the data (Chaves, 2021), this study pointed out that, although the average duration of the vibrating sound with two beats (62.17ms) is longer than the average duration of the tepe (26.61ms) in the context of strong r, this was not enough for listeners outside the researched community to perceive this vibrant as strong r. However, for listeners of Italian descent in the city researched, this vibrant two-beat sound was perceived as strong r, evidencing a heterogeneous perception between these groups, most likely due to their repertoire of linguistic references.

KEYWORDS: Sociophonetics. Rhotics. Variants. Perception tests.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, considera-se que algumas regiões de colonização italiana no Brasil apresentam, em onset silábico inicial ou medial, apenas um som de “r” para representar tanto o chamado r-fraco quanto o chamado r-forte¹. Isso nos leva à observação de que, quando se ouve o português falado por descendentes de imigrantes italianos, geralmente, interpretam-se os róticos como sendo predominantemente o r-fraco, ou seja, o tepe [r]. Mais especificamente, é sugerido que os falantes da comunidade de fala, observada na presente pesquisa (do Alto Vale do Itajaí-SC), apresentam, na maior parte de suas produções, o tepe como representante do r-forte do português brasileiro (doravante PB). Nesse caso, nessa comunidade, as palavras *carro* e *roda* seriam produzidas como [ˈkarɔ] e [ˈrɔdɐ], respectivamente.

Reconhecendo, neste ambiente, alguns aspectos históricos que determinaram a variedade dialetal falada na região, este estudo será realizado sob o olhar da Sociofonética (Foulkes; Scobbie; Watt, 2010; Gonçalves; Brescancini, 2014; Soriano, 2016; Drager, 2010), uma vez que o fenômeno investigado é produto de uma construção social, e, nesta análise, serão empregadas técnicas experimentais e acústicas/perceptuais que elucidarão o detalhe fonético dos sons produzidos para uma adequada investigação da variação dos róticos, encontrada nesta população.

A Sociofonética é uma subárea da Linguística que tem assumido sua identidade como campo de investigação. Faz uso dos princípios e das técnicas da Sociolinguística, da Fonética e de outros campos relacionados, a fim de identificar e explicar a variação socialmente estruturada da fala. Seus objetivos são, segundo Foulkes, Scobbie e Watt (2010, p. 704), “[...] a contabilização de como a variação socialmente estruturada no sistema de som é aprendida, armazenada cognitivamente, avaliada subjetivamente e processada na fala

¹ Trataremos aqui dos róticos do PB como r-fraco e r-forte, conforme Callou e Leite (2009). No entanto, a oposição entre o r-fraco e r-forte recebe também outras denominações: r brando/r forte (Câmara Jr., 1992 [1970]); r fraco-tepe/r forte (Monaretto, 2009); tap/vibrante (Silva, 1996, 1999, 2002); tepe/vibrante múltipla (Spessatto, 2001), dentre outros.

e na percepção”. Desse modo, não seria produtivo fazer uma investigação acústica, articulatória, aerodinâmica ou mesmo perceptual, sem considerar o fenômeno investigado em seu contexto social.

Essas constatações nos fizeram ir em busca de dados que melhor caracterizassem os róticos na fala de descendentes de italiano do município de Rio do Sul – SC (região do Alto Vale do Itajaí), pois, considerando-se a gradiência presente em dados acústicos de produção de fala, acreditávamos que poderíamos encontrar nessa região variadas implementações fonéticas que caracterizassem as duas representações fonológicas dos sons de “r” do PB. Isso quer dizer que questionávamos o predomínio da variante tepe, em posição de r-forte, na amostra de fala dos informantes da pesquisa.

O estudo acústico de Chaves (2021) mostrou, então, que os dados dos informantes analisados apresentaram em contexto de r-forte: vibrantes (27,89%), fricativas (33,33%), tepe (18,37%), tepe espirantizados² (12,93%), vibrantes espirantizadas (6,80%) e aproximantes (0,68%). Um exemplo de vibrante espirantizada pode ser visto na Figura 1.

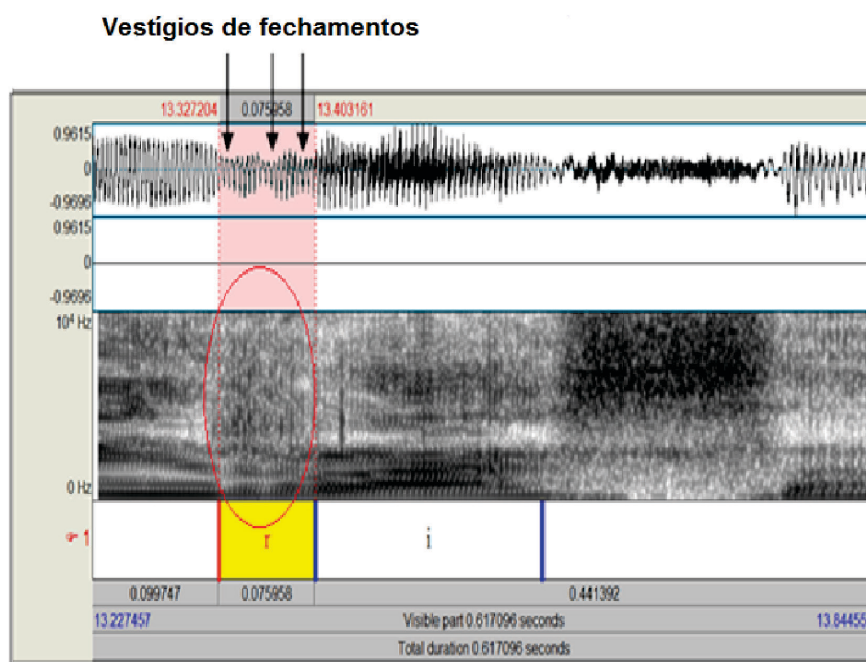


Figura 1: Espectrograma e forma-de-onda da palavra “riso” com indicação de uma vibrante espirantizada encontrada nas análises de Chaves (2021)

Fonte: Chaves (2021, p. 36)

Nos resultados de Chaves (2021), observa-se que, apesar de o tepe ser produzido em contexto de r-forte, não há predomínio de sua produção, com apenas 18,27% de ocorrência nesse contexto. Entre as vibrantes não espirantizadas, aquelas que apresentavam apenas dois fechamentos orais, também conhecidos como duas batidas³, foram produzidas em maior frequência com um percentual de 72,73%. As vibrantes com três batidas aparecem com 24,24% de ocorrência; e as com quatro apresentam uma frequência de ocorrência muito baixa, somente em 3,03% dos dados.

Se, olhando para estas vibrantes, partirmos do pressuposto de que, quanto menos batidas tem a vibrante, mais ela se assemelha perceptualmente ao tepe, temos um percentual significativo de vibrantes semelhantes ao tepe, uma vez que mais de 70% das vibrantes produzidas tinham duas batidas. Isso quer dizer que, entre as variantes produzidas nesta comunidade, temos 19,52% de

² Um som que apresenta uma sobreposição de ruído é caracterizado como espirantizado. A espirantização envolve diferentes graus de sobreposição de ruído fricativo (Silva, 2002).

³ As vibrantes se caracterizam acusticamente pela ausência de energia no sinal de fala, correspondente ao momento de fechamento do trato vocal, seguido de abertura oral ou passagem da corrente de ar. Pode apresentar diversos momentos de abertura e fechamento oral, por isso é também denominada vibrante múltipla. Batida é o nome dado ao momento de fechamento oral em que a língua toca os alvéolos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, no período governado por Getúlio Vargas, o governo lançou a campanha de nacionalização, com um conjunto de medidas criadas com a intenção de diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e “forçar” sua integração junto à população brasileira. Nessa época, ficaram proibidos os hinos, cantos e saudações particulares da língua italiana, assim como o uso do italiano e de outras línguas de imigrantes (De Marco, 2009, p. 29).

No entanto, a prática da língua italiana foi mantida pelos descendentes de italianos mesmo sob perseguição. Atualmente, na região do Alto Vale, apenas os idosos, netos dos imigrantes, procuraram manter e/ou mantiveram tal herança linguística no decorrer do tempo, apesar das proibições e punições impostas à época da infância e juventude dos entrevistados. Descendentes de italianos mais idosos relatam que, na intimidade familiar, mesmo em voz baixa, falavam no idioma nativo de seus antepassados, para não esquecer e para que seus filhos e netos o mantivessem vivo (Chaves, 2021).

Os principais dialetos italianos trazidos para o Sul do Brasil foram o trentino e o vêneto, impondo-se, com maior força e prestígio, o vêneto (60%). Bonatti (1976 *apud* Mengarda, 2001, p. 50) informa que a “[...] população que se estabeleceu na região do Vale do Itajaí é quase exclusivamente trentina”. Segundo informações dos descendentes de italianos de Rio do Sul, o dialeto que usam é o trentino (Chaves, 2021).

Inserido em um ambiente multicultural, o imigrante precisava se comunicar e interagir. Da mistura entre os dialetos e o PB, desenvolveu-se o *talian*, vêneto brasileiro ou italiano brasileiro (Margotti, 2004), uma espécie de coine⁵ italiana que cobriu todo Sul do Brasil. Atualmente, o *talian* é reconhecido como língua de referência nacional e patrimônio cultural do Brasil (Dalleaste, 2016).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dois experimentos de percepção aplicados na presente investigação foram elaborados como testes de identificação e foram construídos com uso do software *Praat* (Boersma; Weenink, 2017). Esses testes foram aplicados a ouvintes da comunidade pesquisada e de outras comunidades. No primeiro experimento, o objetivo era verificar como os ouvintes percebiam os estímulos referentes ao r-fraco e ao r-forte, produzidos por falantes descendentes de italiano e também trazer a percepção da comunidade sobre sua própria produção do rótico. No segundo experimento, o objetivo era observar, principalmente, como as vibrantes produzidas com duas batidas e as fricativas eram percebidas por falantes de fora da comunidade em estudo.

2.1 OS ESTÍMULOS

Nos testes de identificação, os falantes ouvem apenas um estímulo e devem apontar, em uma lista de opções, o que perceberam. Assim, para os estímulos, foram utilizados róticos obtidos a partir do estudo acústico de Chaves (2021), realizado com dados de seis falantes da cidade de Rio do Sul (Alto Vale do Itajaí), coletados em entrevistas sociolinguísticas⁶.

Os estímulos foram elaborados para formar palavras que constituíssem pares mínimos que apresentassem, como segmento distintivo, apenas os representantes de r-fraco e de r-forte. A finalidade do uso de pares mínimos era saber se as diversificadas produções de róticos em posição de r-forte produzidas pelos descendentes de italianos seriam percebidas como r-forte ou como r-fraco. Como nos áudios das entrevistas desses informantes não havia palavras que formassem pares mínimos, foram gravados cinco pares mínimos, conforme Quadro 1, produzidos por uma falante brasileira externa à região em estudo. Os pares mínimos foram sintetizados a partir da retirada dos róticos dessa falante que foram, então, substituídos pelos róticos produzidos pelos seis falantes da cidade pesquisada.

⁵ Do grego - língua comum (Mengarda, 2001, p. 50).

⁶ O detalhamento acústico dos róticos produzidos pelos descendentes de italianos e empregados como estímulos neste experimento de percepção pode ser visto em Chaves e Seara (2021).

Pares mínimos

r-fraco	r-forte
caro	carro
fera	ferra
fora	forra
coro	corro
muro	murro

Quadro 1: Pares mínimos que compõem o experimento de percepção

Fonte: autoras (2026)

Na síntese dos estímulos, foram consideradas também a posição dos róticos nas palavras e a tonicidade da sílaba. Os estímulos (róticos e vocábulos) tiveram ainda suas intensidades equalizadas em 70dB e foram reamostrados para 8kHz.

Ao final, foram selecionadas 99 palavras sintetizadas, levando-se em conta a qualidade das sínteses. Os róticos utilizados como estímulos nos experimentos de percepção são apresentados no Quadro 2 e constituem-se em 14 róticos produzidos por falantes descendentes de italianos e participantes da pesquisa de Chaves e Seara (2021), e, como distratores, foram usados quatro róticos produzidos por um sujeito de outra cidade da região e dois retirados dos pares mínimos produzidos pela falante brasileira externa à comunidade.

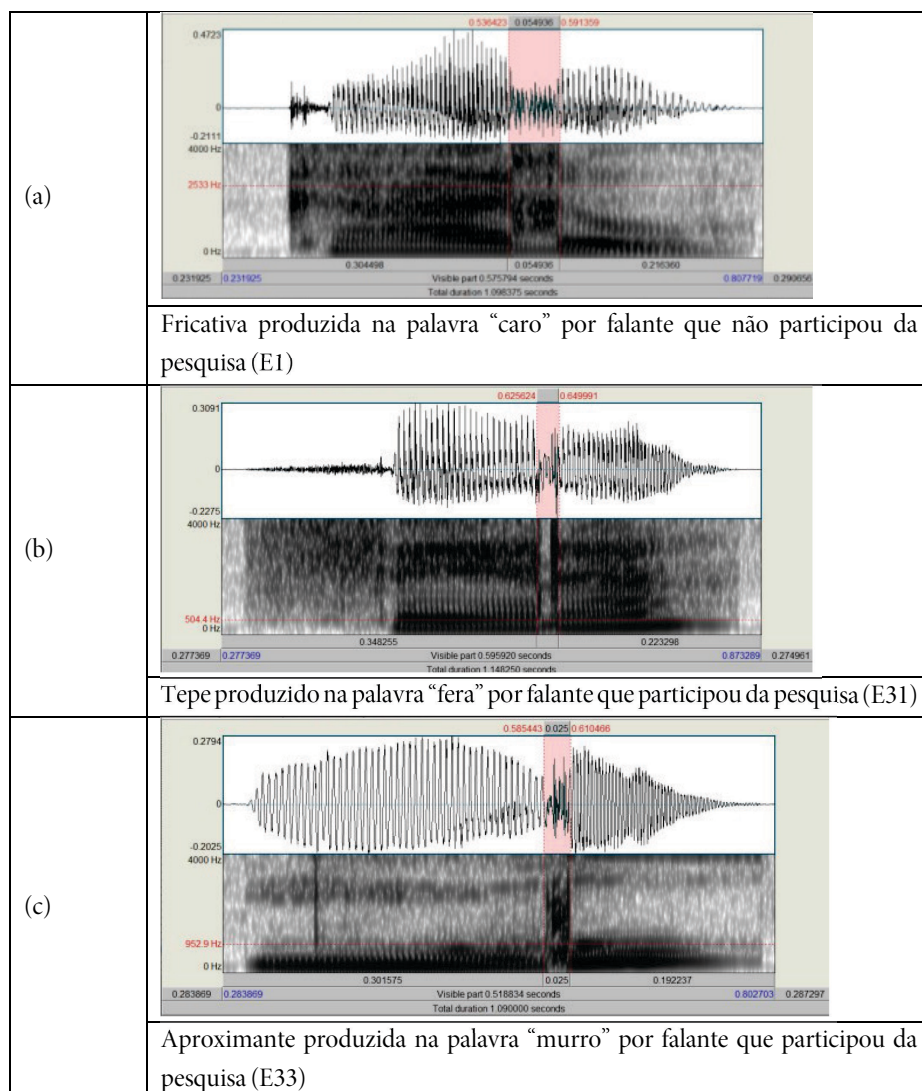
RÓTICOS	CÓDIGOS
Fricativa produzida por sujeito da região não participante da pesquisa	E1
Fricativa produzida por sujeito da região não participante da pesquisa	E6
Fricativa produzida por sujeito da região não participante da pesquisa	E8
Fricativa encontrada nos pares mínimos produzidos pela falante brasileira	E10
*Fricativa produzida pela Informante 1	E12
*Fricativa produzida pelo Informante 2	E13
*Fricativa produzida pelo Informante 2	E14
Fricativa encontrada nos pares mínimos produzidos pela falante brasileira	E16
Fricativa produzida por sujeito da região não participante da pesquisa	E17
*Tepe produzido pela Informante 5	E20
*Tepe produzido pela Informante 5	E21
*Tepe produzido pela Informante 5	E25
*Tepe produzido pelo Informante 2	E27

*Tepe produzido pelo Informante 4	E31
*Aproximante produzida pela Informante 5	E33
*Aproximante produzida pelo Informante 6	E36
*Vibrante com duas batidas produzida pela Informante 3	E40
*Vibrante com duas batidas produzida pelo Informante 2	E42
*Vibrante com três batidas produzida pela Informante 3	E45
*Vibrante com quatro batidas produzida pela Informante 5	E50

Quadro 2: Variantes dos róticos utilizados nas sínteses dos estímulos do experimento de percepção⁷

Fonte: autoras (2026)

Na Figura 3, podem ser visualizados os resultados finais de algumas das palavras sintetizadas, que serviram de estímulos com alguns dos exemplares dos róticos apresentados no Quadro 2.



⁷ Os estímulos com asteriscos referem-se aos dados dos sujeitos do Alto Vale de Itajaí participantes da pesquisa de Chaves (2021).



Figura 3: Exemplos de palavras sintetizadas em (a), (b), (c) e (d) com alguns dos róticos (regiões em rosa) apresentados na Tabela 1

Fonte: autoras (2026)

2.2 OS EXPERIMENTOS DE PERCEPÇÃO

Os experimentos de percepção, como já mencionado, foram elaborados como testes de identificação, e, nesse caso, o ouvinte escutava um estímulo que consistia em uma palavra e deveria identificar a palavra ouvida na tela do computador. Na tela, então, havia cinco pares mínimos e o ouvinte deveria clicar sobre a palavra ouvida.

Foram apresentadas telas idênticas, que correspondiam à escuta dos estímulos selecionados para o experimento. Esses estímulos eram aleatorizados automaticamente pelo *Praat*, a cada novo ouvinte. Veja-se, na Figura 4, a disposição dos pares de palavras na tela em que o ouvinte deveria clicar.



Figura 4: Tela do teste de identificação com as palavras dos pares que deveriam ser identificadas pelos ouvintes

Fonte: tela gerada pelas autoras (2026) no *Praat* a partir do *script* elaborado para o experimento de percepção

O procedimento para a aplicação do teste era o seguinte: os participantes ouviam uma palavra e deveriam clicar com o *mouse* na tela do computador sobre a palavra ouvida. Enquanto o participante não optasse por uma das palavras, o próximo estímulo não era ouvido. Assim, o teste configurou-se como de escolha forçada. O participante poderia ouvir o estímulo mais duas vezes, antes de fazer sua opção. Os resultados eram gerados automaticamente pelo programa *Praat* em tabelas que traziam o código do estímulo, a resposta dada pelo ouvinte e o tempo de reação (em segundos).

Os resultados dos acertos se referem ao que seria esperado na percepção de cada uma das variantes presentes na pesquisa. Assim, para a contagem dos acertos, consideramos que as variantes fricativas e vibrantes, estas últimas com duas ou mais batidas, seriam representantes de r-forte. Então, se o ouvinte indicasse r-forte para esses estímulos, consideraríamos acerto. As aproximantes também foram tidas como representantes de r-forte, uma vez que, na pesquisa de Chaves (2021), foram mais produzidas nesse

contexto, ou seja, 65,52% em posição de r-forte e apenas 34,48% em contexto de r-fraco. O tepe foi considerado como representante de r-fraco. As respostas contrárias ao que se classificou como esperado para cada uma das variantes foram consideradas erros. O Quadro 3 resume essas considerações.

Variante	Percepção esperada = Acerto	Percepção não-esperada = Erro
fricativa	r-forte	r-fraco
vibrante	r-forte	r-fraco
aproximante	r-forte	r-fraco
tepe	r-fraco	r-forte

Quadro 3: Correspondência das variantes com acertos e erros, em função da maneira como se esperava que essas variantes fossem percebidas.

Fonte: autoras (2026)

O primeiro experimento de percepção foi realizado por 25 ouvintes. Desses, 15 eram externos à comunidade e 10 residentes na cidade de Rio do Sul, sendo cinco da comunidade de descendentes de italianos. Para este experimento, foram apresentadas 99 telas nas quais os 20 róticos (Quadro 2) se repetiam nas palavras referentes aos pares mínimos presentes na tela do Praat.

Já o segundo teste de percepção foi realizado com outros oito ouvintes, sendo todos externos à comunidade em estudo. Para esse experimento, as palavras foram sintetizadas somente com os 14 róticos produzidos pelos participantes da pesquisa, conforme Quadro 2. Nesse caso, foram apresentadas 45 telas nas quais os 14 róticos se repetiam nas palavras referentes aos pares mínimos.

3 RESULTADOS DOS EXPERIMENTOS DE PERCEPÇÃO

Os resultados obtidos nos experimentos de percepção possibilitaram-nos inferir sobre a percepção da comunidade de descendentes de italianos da cidade de Rio do Sul em relação aos segmentos linguísticos estudados, ou seja, aos róticos que são implementados foneticamente como r-fraco e r-forte pelos falantes dessa comunidade. Possibilitaram-nos, também, averiguar a percepção de ouvintes da mesma comunidade não participantes da pesquisa e de outras comunidades sobre esses mesmos róticos.

Dessa maneira, com a aplicação dos experimentos de percepção, procuramos verificar se os ouvintes, participantes dos experimentos, percebiam o contraste entre o r-fraco e o r-forte, através da audição de estímulos sintetizados. Relembramos, aqui, que nossa questão de pesquisa, relacionada a essa dimensão perceptual, pretendia verificar como as variantes do r-forte, sobretudo vibrantes com duas batidas e fricativas, seriam percebidas pelos ouvintes da comunidade de fala estudada e por ouvintes externos à comunidade.

De modo geral, os resultados dos testes de percepção mostraram que os tepes foram as variantes mais facilmente reconhecidas como r-fraco, enquanto as fricativas apresentaram maiores dificuldades de identificação como r-forte. Nas seções seguintes, são apresentados os resultados detalhados de cada um dos experimentos realizados.

3.1 PRIMEIRO EXPERIMENTO DE PERCEPÇÃO

Após a participação de cada um dos 25 ouvintes no primeiro experimento de percepção, o *software* Praat gerou automaticamente as tabelas com os resultados individuais.

Na sequência, foram somados os acertos de cada participante do experimento de percepção, separados por cada tipo de estímulo, para, em seguida, serem contabilizados em três grupos: ouvintes descendentes de italianos, compreendendo o grupo nomeado *Descendentes de italianos*; ouvintes da cidade de Rio do Sul não descendentes de italiano, compreendendo o grupo nomeado *Rio do Sul*; e ouvintes externos à comunidade estudada, compreendendo o grupo nomeado *Outras comunidades*.

Vejamos os resultados gerais, considerando as variantes usadas nas sínteses dos estímulos e os grupos de ouvintes na Tabela 1.

GRUPO DE OUVINTES	PERCENTUAL DE ACERTOS			
	r-forte			r-fraco
	Fricat.	Aprox.	Vibr.	Tepe
Descendentes italianos	45,11%	20,00%	76,00%	78,00%
Rio do Sul	40,42%	11,43%	74,67%	80,67%
Outras comunidades	41,78%	12,38%	58,67%	84,67%
TOTAL	42,18%	13,71%	65,33%	82,53%

Tabela 1: Percentual de acertos em função da variante usada nas sínteses dos estímulos e do grupo de ouvintes.

Fonte: autoras (2026)

De modo geral, podemos dizer, pelos resultados da Tabela 1, que a variante percebida com maior adequação, ou seja, com maior número de acertos, foi o tepe, que foi percebido como r-fraco em 82,53% dos estímulos a ele relacionados, conforme o esperado.

A variante fricativa apresentou um resultado não esperado, ficando com acertos abaixo de 50%, ou seja, foi percebida como r-forte em apenas 42,18% dos casos, apresentando assim mais erros do que acertos. Desse modo, em mais da metade das vezes, essas fricativas foram confundidas com r-fraco, independentemente do grupo de ouvintes, o que mostra que não são percebidas como típicas do PB.

As fricativas típicas do PB são caracterizadas acusticamente por ruído causado pela turbulência que decorre da passagem de ar por uma constricção bastante estreita na cavidade oral. Esse ruído é identificado visualmente no espectrograma por hachuras verticais espaçadas, conforme se vê na Figura 3 (a). Isso quer dizer que as fricativas típicas do PB não devem apresentar vestígios de fechamentos orais que são próprios das vibrantes, como ocorre com as vibrantes espirantizadas, produção exibida na Figura 1, que parece ser o que caracteriza grande parte da produção de falantes do Grupo *Descendentes de italianos*.

Nas vibrantes, comparamos os acertos do grupo *Outras comunidades* com os outros dois grupos e percebemos que há diferenças relevantes para essa variante. Essa questão será melhor detalhada mais adiante, levando-se em conta o número de batidas desses róticos.

Para a variante aproximante, o grupo *Descendentes de italianos* apresentou um percentual de percepção de 20% dessa variante como r-forte, sendo maior do que os percentuais dos dois outros grupos (11,43% e 13,68%). Isso quer dizer que, mesmo que a aproximante tenha sido produzida em maioria no contexto de r-forte, isso não se refletiu na percepção dos ouvintes dos diferentes grupos, uma vez que foi predominantemente percebida como r-fraco.

Agora vejamos, nas Tabelas 2, 3 e 4, o número de acertos, especificando melhor as variantes usadas nas sínteses, considerando-se as respostas dos grupos *Descendentes de italianos*, *Rio do Sul* e *Outras comunidades*, respectivamente.

VARIANTES ⁸	PERCENTUAL DE ACERTOS
Fricativa 1	41,18%
Fricativa 2	37,50%
Fricativa 3	86,67%
Tepe	78,00%
Aproximante	20,00%
Vibrante com 2 batidas	60,00%
Vibrante com 3 batidas	85,71%
Vibrante com 4 batidas	80,00%

Tabela 2: Percentual de acertos em função do detalhamento das variantes usadas nas sínteses para o grupo *Descendentes de italianos*.

Fonte: autoras (2026)

Os resultados relacionados ao grupo *Descendentes de italianos*, conforme Tabela 2, mostram que as variantes fricativas produzidas pelos falantes da comunidade de italianos (Fricativa 1) tiveram 41,18% de acertos⁹ e aquelas produzidas por falantes da região, mas fora da comunidade pesquisada (Fricativa 2), apresentaram 37,50% de acertos. Isso significa que elas foram, em sua maioria, percebidas como r-fraco, ou seja, em 58,82%, quando essas fricativas eram produzidas pela comunidade de italianos participantes da pesquisa, e em 62,5%, quando produzidas por falantes da região do Alto Vale de Itajaí, porém fora da comunidade estudada.

Para este grupo, na maioria das vezes, essas fricativas não foram percebidas como r-forte. Isso mostra que as variantes produzidas na região do Alto Vale de Itajaí não são identificadas como fricativas típicas do PB, muito provavelmente se constituindo em tepes ou vibrantes espirantizadas.

Por outro lado, as fricativas da falante externa à região (Fricativa 3) foram consideradas majoritariamente como representantes de r-forte (86,67%). Esse fato aponta para a possibilidade de que os sons classificados como fricativas nos dados produzidos por descendentes de italianos possam ter sido produzidos de fato como vibrantes espirantizadas, porém com maior quantidade de ruído, levando as suas produções a serem identificadas como fricativas. No entanto, as produções de fricativas da falante externa à região exibiram características bastante próprias das fricativas encontradas no PB, fato evidenciado pelo alto índice de acertos. Isso reforça a constatação de que a fricativa produzida na região do Vale do Itajaí não se comporte como uma fricativa típica do PB.

Dos estímulos correspondentes à variante tepe, a maior parte foi percebida como r-fraco (78%). Em relação à vibrante com duas batidas, o experimento de percepção nos ajudou a dirimir a dúvida sobre se essa variante seria percebida como vibrante (r-forte) ou como tepe (r-fraco). O grupo *Descendentes de italianos* demonstrou maior sensibilidade perceptual em relação às vibrantes com duas batidas, tendo percebido 60% dessas vibrantes como representantes de r-forte. Esse resultado do teste de identificação das vibrantes com duas batidas mostrou que elas foram percebidas majoritariamente como r-forte pelos ouvintes da comunidade de descendentes de italianos.

⁸ Os exemplares nomeados Fricativa 1 correspondem às fricativas produzidas pelos falantes descendentes de italiano participantes da pesquisa; os exemplares nomeados Fricativa 2 correspondem às fricativas produzidas por falantes da região do Alto Vale de Itajaí, mas que não participaram da pesquisa; e os exemplares nomeados Fricativa 3 correspondem às fricativas produzidas pela falante de outra região.

⁹ Lembremos que acertos aqui significam fricativas consideradas como r-forte.

Recorrendo a resultados obtidos por uma análise temporal dos dados apresentada em Chaves (2021), vimos que a vibrante com duas batidas tem duração média de 62,17ms, sendo mais longa do que a duração média do tepe em contexto de r-forte, que é de apenas 26,61ms. Esse comportamento parece relevante para que esses ouvintes percebessem diferenças. Isso indica que, para os *Descendentes de italianos*, essa diferença temporal fez com que percebessem a vibrante com duas batidas mais facilmente como r-forte.

As vibrantes com três e quatro batidas foram percebidas majoritariamente como representantes de r-forte com índice de acertos de 85,71% e 80%, respectivamente, para o grupo *Descendentes de italiano*, conforme o esperado (Quadro 3).

E as aproximantes, como já havíamos visto, foram percebidas, em sua maioria, como r-fraco, indicando apenas 20% de acertos, uma vez que a resposta esperada era que fossem consideradas como r-forte.

Vejamos agora os resultados apresentados pelo grupo *Rio do Sul*, conforme Tabela 3.

VARIANTES	PERCENTUAL DE ACERTOS
Fricativa 1	36,47%
Fricativa 2	34,17%
Fricativa 3	76,67%
Tepe	80,67%
Aproximante	11,43%
Vibrante com 2 batidas	52,00%
Vibrante com 3 batidas	82,86%
Vibrante com 4 batidas	93,33%

Tabela 3: Percentual de acertos em função de especificidades das variantes usadas nas sínteses para o grupo *Rio do Sul*.

Fonte: autoras (2026)

Na Tabela 3, visualizamos os resultados apresentados pelo grupo *Rio do Sul*. As variantes fricativas produzidas pelos falantes da comunidade de italianos (Fricativa 1) e de falantes da mesma região, mas fora da comunidade estudada (Fricativa 2) apresentaram um percentual próximo de acertos (34,17% e 36,47%, respectivamente), ou seja, esses estímulos foram percebidos majoritariamente como r-fraco com percentual geral em torno de 75%. No entanto, assim como ocorrido com o grupo *Descendentes de italianos*, o grupo *Rio do Sul* apresentou 76,67% de acertos em relação às fricativas da falante externa à região (Fricativa 3), sendo consideradas em sua maioria como representantes de r-forte. As possíveis razões para essa diferença na percepção dessas fricativas, já citadas anteriormente, seriam o comportamento dessas variantes como espirantizadas com alto grau de ruído sobreposto.

A variante tepe foi percebida pelo grupo *Rio do Sul* como representante de r-fraco, em 80,67%, percentual um pouco acima do verificado para o grupo *Descendentes de italianos*.

O grupo *Rio do Sul* apresentou uma tendência muito pequena para a percepção da vibrante com duas batidas como representante de r-forte (52%), ou seja, ficando muito próxima de 50%, tanto para r-forte quanto para r-fraco. As vibrantes com três e quatro batidas foram percebidas, majoritariamente, como representantes de r-forte com 82,86% e 93,33%, respectivamente, conforme o esperado.

As aproximantes, consideradas na presente pesquisa como representantes do r-forte, foram, predominantemente, percebidas como r-fraco (88,57%), isto é, com um percentual muito baixo de acertos, ou seja, de apenas 11,43%. Provavelmente, por apresentar irregularidades no sinal e menor intensidade do que os elementos vocálicos, os ouvintes do grupo *Rio do Sul* a tenham considerado como r-fraco.

Passemos agora aos resultados do grupo *Outras comunidades*, que podem ser observados na Tabela 4.

VARIANTES	PERCENTUAL DE ACERTOS
Fricativa 1	33,20%
Fricativa 2	35,00%
Fricativa 3	95,56%
Tepe	83,92%
Aproximante	12,38%
Vibrante com 2 batidas	38,67%
Vibrante com 3 batidas	67,62%
Vibrante com 4 batidas	71,11%

Tabela 4: Percentual de acertos em função de especificidades das variantes usadas nas sínteses para o grupo *Outras Comunidades*

Fonte: autoras (2026)

O grupo *Outras Comunidades* foi composto de ouvintes de diferentes localidades: Florianópolis, Grão-Pará, Blumenau, em Santa Catarina; Guarujá, em São Paulo; Varginha, em Minas Gerais; e Batalha, em Alagoas. Os resultados do primeiro experimento de percepção, vistos na Tabela 4, mostraram que o grupo *Outras Comunidades* apresentou percepção similar de fricativas em relação aos outros grupos. Isso quer dizer que fricativas (Fricativa 1 e Fricativa 2) foram percebidas como r-fraco (33,20% e 35%, respectivamente), à exceção das fricativas produzidas pela falante externa à região pesquisada (Fricativa 3) que, em 95,56%, foi percebida como r-forte.

Em relação aos tepes, o grupo *Outras comunidades* considerou-os, assim como os outros grupos, em sua maioria, como representante de r-fraco, apresentando percentual de percepção de 83,92%.

Já em relação às vibrantes com duas batidas, o comportamento apresentou uma evidente diferença em relação aos demais grupos, considerando esses estímulos como representantes do r-fraco em 61,33%, ou seja, apenas 38,67% de acertos. Comparando-se aos demais grupos (*Descendentes de italianos* e *Rio do Sul*), vemos que ocorreu o oposto na percepção desses estímulos, uma vez que o grupo de *Descendentes de italianos* percebeu a vibrante com duas batidas em sua maioria como r-forte (60%), e o grupo *Rio do Sul* apresentou uma pequena tendência de percepção dessas vibrantes como r-forte (52%). Reafirmamos nossa inferência de que o grupo *Descendentes de italianos*, por estarem familiarizados com essas formas fonéticas e por produzirem as vibrantes com duas batidas como representantes de r-forte, reconhecem mais facilmente esses estímulos.

As outras vibrantes (com três e quatro batidas) foram percebidas pelos ouvintes do grupo *Outras comunidades*, predominantemente, como representantes de r-forte com índices de 67,72% e 71,11%, respectivamente. No entanto, observa-se que, enquanto, para os grupos *Descendentes de italianos* e *Rio do Sul*, o percentual de percepção como r-forte fica acima de 80%, para o grupo *Outras comunidades*, esse percentual cai, ficando em torno de 70%. Isso parece demonstrar que o não uso dessa variante na

comunidade leva a um certo estranhamento, fazendo com que cerca de 30% dos dados avaliados pelo grupo *Outras comunidades* sejam percebidos como r-fraco.

As aproximantes, como ocorreu com os demais grupos, também foram percebidas pelo grupo *Outras Comunidades* como representantes de r-fraco (apenas 12,38% dos dados foram entendidos como r-forte).

Ficou evidente nos resultados desse primeiro teste que a média de duração da vibrante com duas batidas (62,17ms) ser mais longa do que a média de duração do tepe (26,61ms) em contexto de r-forte não foi suficiente para que os ouvintes de *Outras comunidades* percebessem diferenças de duração no julgamento de vibrantes com duas batidas e tepes. No entanto, parece-nos que, para os *Descendentes de italianos*, essa diferença temporal fez com que percebessem a vibrante com duas batidas mais facilmente como r-forte, evidenciando uma percepção heterogênea entre esses grupos, muito provavelmente em função de seu repertório de referências linguísticas.

Esses resultados, sob a ótica da Sociofonética, corroboram os estudos de Oushiro (2015) e Soriano (2016). A primeira autora enfatiza que seria razoável acreditar que, da mesma forma que os usos linguísticos são heterogêneos, a percepção sobre a variação também seria heterogênea, devendo ser socialmente estratificada. Soriano (2016) também percebeu que as avaliações que os indivíduos fazem das variáveis linguísticas estão relacionadas aos padrões sociolinguísticos que adquirem. Assim, as experiências dos indivíduos e os grupos sociais dos quais participam constituem um repertório de referências.

Passemos ao segundo teste de percepção.

3.2. SEGUNDO EXPERIMENTO DE PERCEPÇÃO

Após o segundo experimento de percepção ser respondido pelos oito novos ouvintes externos à comunidade, constituindo-se de ouvintes de Florianópolis (SC), São José (SC), Grão Pará (SC), Luzerna (SC) e Luiz Machado (PR); o *software* Praat gerou automaticamente as tabelas com os resultados individuais, referentes às 45 palavras ouvidas, conforme explanação na seção dos procedimentos metodológicos.

Com esse experimento, pretendemos verificar em mais detalhes os dados de percepção, incidindo nosso foco sobre as fricativas produzidas pelos imigrantes italianos e a vibrante com duas batidas. A Tabela 5 mostra os resultados obtidos no segundo experimento de percepção conforme respostas esperadas exibidas no Quadro 3.

VARIANTES	PERCENTUAL DE ACERTOS
Fricativa 1	53,12%
Fricativa 2	47,12%
Fricativa 3	100,00%
Tepe	76,04%
Vibrante com 2 batidas	53,12%
Vibrante com 3 batidas	84,37%
Vibrante com 4 batidas	50,00%

Tabela 5: Percentual de acertos em função de especificidades das variantes usadas nas sínteses para o grupo complementar *externo à comunidade*.

Fonte: autoras (2026)

Observando os resultados apresentados na Tabela 5, vemos que as fricativas da falante brasileira externa à região (Fricativa 3) foram percebidas como r-forte em 100% dos seus estímulos. No entanto, quando passamos para os resultados concernentes às fricativas produzidas pelos falantes participantes do estudo (Fricativa 1), o percentual de acertos cai pela metade (53,12%) e também daqueles produzidos por falantes da região (Fricativa 2) mas não participantes da pesquisa (47,12%). Esses dados ratificam os resultados anteriores e nos levam novamente a pensar que as fricativas produzidas nessa região devem mesmo se constituir em tepes ou vibrantes espirantizados¹⁰. Esse tipo de produção é percebido pelos ouvintes como representantes de r-fraco, pois se constituem em segmentos de fala diferentes das fricativas típicas que representam o r-forte no PB.

Quando nos atemos às vibrantes com duas batidas, o percentual de acertos cai, ficando em 53,12%, semelhante aos resultados do grupo *Rio do Sul* do primeiro experimento (52%), e maior do que o percentual do grupo *Outras comunidades* do primeiro experimento, que foi de 38,67% (Tabela 4). No entanto, para os descendentes de italianos, o percentual de percepção da vibrante com duas batidas como r-forte foi de 60%. Ou seja, ainda podemos dizer que os ouvintes externos à comunidade percebem as vibrantes com duas batidas como r-fraco.

A partir da Tabela 5, podemos inferir também que as vibrantes com quatro batidas ainda levam a um estranhamento como representante de r-forte, uma vez que o percentual de acertos desses ouvintes externos à comunidade cai (50%) em relação aos ouvintes da região sejam participantes ou não da pesquisa (Tabelas 2 e 3 com 80% e 93,33%, respectivamente). Neste segundo experimento, as vibrantes com três batidas foram percebidas com maior índice de adequação como r-forte (84,37%).

Finalmente, podemos dizer que o tepe, considerando-se como o representante de r-fraco, continua sendo o que mais obteve acertos, com percentual acima de 75% para os ouvintes participantes do segundo experimento de percepção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi realizada sob o olhar da Sociofonética, buscando identificar fatores que poderiam estar condicionando os resultados dos experimentos de percepção. Podemos concluir, preliminarmente, que a inserção sócio cultural e a região de origem influenciaram as respostas aos testes, uma vez que houve diferenças de resposta em função do ouvinte ser ou não da comunidade pesquisada. Ouvintes da comunidade de descendentes de italiano conseguiram ser mais sensíveis à identificação dos estímulos, principalmente aqueles referentes aos contextos de r-forte. De modo geral, a variante mais bem percebida, ou seja, com maior número de acertos, foi o tepe, que foi percebido como r-fraco em mais de 75% dos estímulos a ele relacionados e isso era o esperado¹¹.

O grupo formado pelos descendentes de italianos percebeu as variantes fricativas produzidas pela falante externa à região, em 86,67%, como representantes de r-forte, assim como para os ouvintes dos outros grupos que apresentaram percentuais acima de 75%, conforme o esperado (Quadro 3). A percepção em relação às fricativas produzidas pelo grupo de descendentes de italianos também mostrou problemas de identificação como r-forte para todos os grupos, ficando com percentual de acerto de 33,20% a 53,12%.

Acreditamos que talvez os sons classificados como fricativas nos dados dos participantes possam ser produzidos de fato como tepes ou vibrantes espirantizadas. Esse comportamento acústico diferente da fricativa típica do PB, mesmo com maior grau de sobreposição de ruído, pode ter levado à sua percepção como r-fraco.

Isso não acontece quando a fricativa do estímulo é produzida pela falante externa à região, pois, nesse caso, o percentual de acertos variou de 76% a 100%, sendo melhor percebida como r-forte pelos falantes externos à região, ficando, então, com percentual acima

¹⁰ Os dados acústicos da pesquisa de Chaves (2021) não apresentam a qualidade necessária para um detalhamento acústico aprofundado dessas variantes. Para isso, seria necessário gravarmos os dados em uma sala acústica, evitando ruídos ambientes que podem camuflar o ruído de espirantização. Isso não ocorreu nas entrevistas que deram base para as análises acústicas dos dados.

¹¹ O Quadro 3, apresentado anteriormente, resume o que seria esperado em função de como a variante fosse percebida, isto é, seria um acerto se a percepção correspondesse ao esperado.

de 95% de acertos. Parece-nos que isso tenha ocorrido porque as fricativas dessa falante apresentaram características bastante típicas das fricativas encontradas no PB. Esse fato ratifica a ideia de que a fricativa produzida na região do Vale do Itajaí não se comporta como uma fricativa típica do PB, apontando para uma melhor caracterização dessas produções em pesquisas futuras.

A vibrante com duas batidas foi também percebida como representante de r-forte pelos descendentes de italianos, ou seja, esse grupo consegue distinguir mais claramente entre o tepe e a vibrante. No entanto, para ouvintes externos à região (Tabelas 4 e 5), essa vibrante foi percebida como r-fraco, confirmando nossa hipótese de que o número de batidas das vibrantes poderia influenciar na percepção dessa variante, ou seja, quanto menos batidas (fechamentos orais) as vibrantes apresentassem, mais elas seriam semelhantes, perceptualmente, ao tepe. Julgamos que esse resultado demonstre que ouvintes de comunidades que não produzem vibrantes não percebam a vibração dessa variante por seu pouco número de vibrações (apenas duas), identificando-as muito mais como r-fraco, quando, na verdade, seriam representantes de r-forte.

Reiteramos que questões como presença de ruídos nos estímulos e aspectos individuais das vozes podem ter influenciado as percepções. No entanto, esses experimentos de percepção nos auxiliaram a dar respostas mais adequadas às indagações desta pesquisa e a dar um melhor encaminhamento para pesquisas futuras, como, por exemplo, uma reanálise acústica dos dados de fricativas produzidas pelos informantes da comunidade de descendentes de italianos a fim de investigar as suas produções como possíveis variantes espirantizadas em um ambiente mais apropriado.

Estudos que ligam dados de produção e percepção no contexto de mudança de som em andamento prometem revelar muito sobre o sistema de percepção da fala e sobre como ele lida com a gradiência dos dados de fala.

Limitações impostas pelo *corpus* não controlado não tornaram possível uma análise dos contextos adjacentes às produções das variantes de “r” identificadas. Acreditamos ser isso possível em análises futuras com a reaplicação de testes de percepção, com dados gravados a partir de um *corpus* controlado que contenha pares mínimos e que permita também a investigação de um número maior de informantes e de dados de cada variante.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos pareceristas anônimos desta Revista, que fizeram leituras e comentários ao texto original, os quais trouxeram maior clareza na apresentação do tema e de seus resultados. No entanto, as inadequações que porventura ainda apareçam no texto são de nossa inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – AMAVI. Localização geográfica da região que compreende o Alto Vale do Itajaí. Disponível em: www.amavi.org.br/imagem/municipios-associados/altovale.png. Acesso em: 10 abril 2021.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT: Doing phonetics by computer*. Amsterdam: University of Amsterdam. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 10 nov. 2017.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1992 [1970].

CHAVES, M. L. H. A. *Estudo Sociofonético dos róticos na fala de descendentes italianos do Alto Vale do Itajaí*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

- CHAVES, M. L. H. A.; SEARA, I. C. Estudo sociofonético dos róticos no Vale de Itajaí em Santa Catarina. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 26, p. 241-265, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/53684>. Acesso em: 19 dez. 2025.
- DALLEASTE, A. P. *Crenças e Atitudes Linguísticas: Um estudo da língua e cultura italianas em Matelândia/PR*. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE, 2016.
- DE MARCO, E. A. *A trajetória e presença do talian e do dialeto trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural*. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- DRAGER, K. Sociophonetic Variation in Speech Perception. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 7, p. 473-480, 2010. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1749-818X.2010.00210.x>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- FOULKES, P.; SCOBIE, J.; WATT, D. Sociophonetics. In: HARDCASTLE, W. J.; LAVER, J.; GIBBON, F. E. *The Handbook of Phonetic Sciences*, Blackwell Publishing Ltd–2nd ed., 2010. p. 703-754.
- GONÇALVES, C. S.; BRESCANCINI, C. R. Considerações sobre o papel da sociofonética na comparação forense de locutores. *Language and Law/Linguagem e Direito*, v. 1, n. 2, p. 67-87, 2014. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/2432>. Acesso em: 19 dez. 2025.
- GOES, J. Lugares de memória em disputa: uma análise a partir de praças e parques em Rio do Sul – SC. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 2017.
- MARGOTTI, F. W. *Difusão Sócio geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MENGARDA, E. J. Gênese e evolução dos dialetos trentino e vêneto. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 42-57, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/4787>. Acesso em 19 dez. 2025.
- MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, C. *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, A. H. P. *Para a Descrição Fonético-Acústica das Líquidas no Português Brasileiro: Dados de um Informante Paulistano*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas-SP, 1996.
- SILVA, A. H. P. Caracterização acústica de [R], [r], [L] e [ʎ] nos dados de um informante paulistano. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 37, p. 51-68, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636930>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- SILVA, A. H. P. *As fronteiras entre Fonética e Fonologia e a alofonia dos róticos iniciais em PB: dados de dois informantes do sul do país*. 2002. 202f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SORIANO, L. G. M. *Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo*. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SPESSATTO, M. B. *Marcas da História: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*. 2001. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.



Recebido em 26/02/2025.

Aceito em 21/08/2025.

Publicada em 15/03/2026.